

Centro de Estudos Bahianos

HILDEGARDES VIANNA

A Proclamação da República na Bahia

(ASPECTOS FOLCLÓRICOS)

PUBLICAÇÃO
SALVADOR-BAHIA

33

398(214)

2617



5683

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NA BAHIA

(Aspectos folclóricos)

HILDEGARDES VIANNA

Alguns dos jornais vespertinos, que circularam na Cidade do Salvador em 16 de novembro de 1889, traziam, na primeira página, notícias e comentários em que acentuavam a gravidade do momento, "sem exemplo na história social e política da nação".

Apelavam para o dever de patriotismo dos filhos da terra no sentido de ser mantida a prudência, a calma e a ordem, ante os acontecimentos que se desenrolavam no país. Recorriam aos brios dos que tinham prestígio no seio do povo para que usassem desta influência aconselhando, encaminhando, dirigindo e fortalecendo as massas, para que, vitoriosa esta ou aquela forma de governo, não ficasse "notada de sangue de irmãos a sagrada imagem da Pátria Brasileira".

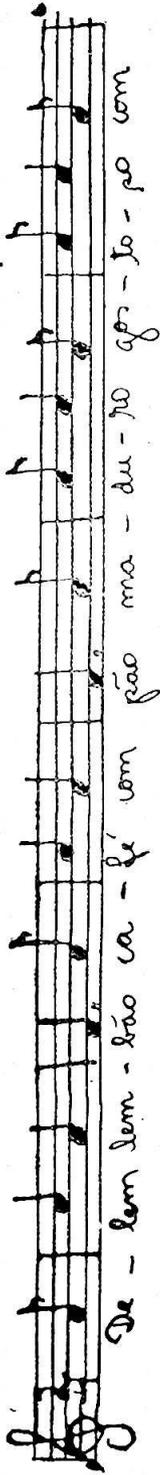
Agiam assim porque na véspera, depois da distribuição das gazetas da tarde, que traziam a novidade de uma revolução militar no Rio de Janeiro, a população tinha se espalhado pelas principais praças, notadamente na chamada Praça de Palácio, para comentar os boatos. Os estudantes e caixeiros já se movimentavam e era quasi certa a repetição dos costumeiros "*fecha.fecha*". Toda a força de linha, bem como a do corpo policial, estava de prontidão para o que desse e viesse. A chamada "coisa proibida" tinha enfim estourado.

Zé Povinho não levou, de início, o caso a sério. A figura do Imperador, cercada de respeito e veneração, afastava qualquer suposição de queda da monarquia. Além do mais pouco interessava que o marido de D. Isabel fosse ou não estrangeiro. Aquilo tudo devia ser, quando muito, "barulho de branco". Para o grosso da

população a república era uma ideia frívola, sem consequências. Até aquele momento só tinha produzido umas arruaças acabadas com a vinda da cavalaria que espaldeirava os recalitrantes. Fôra disto era apenas motivo para algumas inovações da moda. Usava-se chapús, gravatas, coletes, botinas, leques, capotas, casaquinhos, sombrinhas e até bigode e penteados "republicanos". Os elegantes quando punham tais criações nem se lembravam que aquilo podia representar um reflexo de propaganda política. A ideia de república quando lograva penetrar nos lares, através à deformação boateira das beatas e "mulheres de capona" (1), era recebida com repulsa. Não impressionava a classe média.

Nas baixas camadas, a ralé, constituída de peixeiras, ganhadeiras, saveiristas, prostitutas, magarefes e quejandos, em promiscuidade com desocupados e desordeiros da Praia do Peixe, Portas da Ribeira e Cais Dourado, repetia entre galhofas quadrinhas e cançonetes, quasi sempre pornograficas, que representavam um acinte aos republicanos. Retratavam, não raro, a passagem de Silva Jardim pondo em ridículo figuras acatadas na sociedade. Uma dessas cançonetes encontrei em péssimo estado de conservação numa coleção de modinhas antigas pertencente à falecida D. Filenila Alice de Andrade Ferreira, filha do Prof. Gustavo de Andrade Rêgo. As partes ilegíveis pude reconstituir graças à boa memória da octogenária D. Asteria de Carvalho. Ei-la:

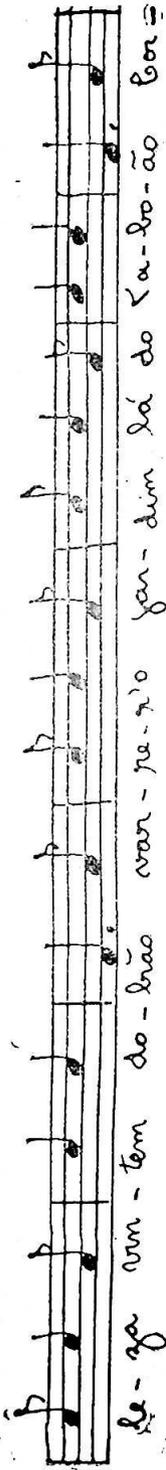
Delem-dem-bão
Café com pão
Maduro gostoso
Com bolachão
Por ordem do velho
Caboré Pranchão
Macaco Beleza
Vintem Dobrão
Varreram o Jardim
Lá do Taboão
Correram Virgílio
A murro e a facão



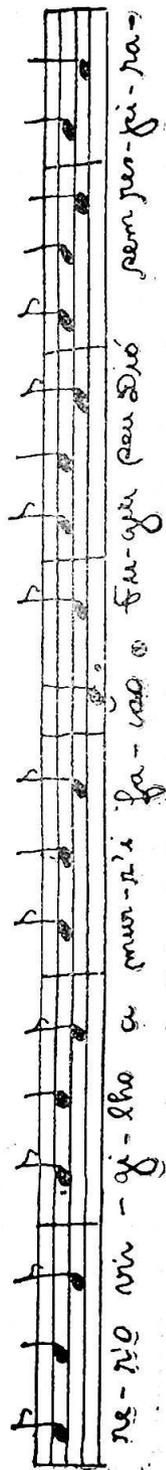
De - lem lem - biao ca - fe' com gao ma - du - ro qe - to - po com



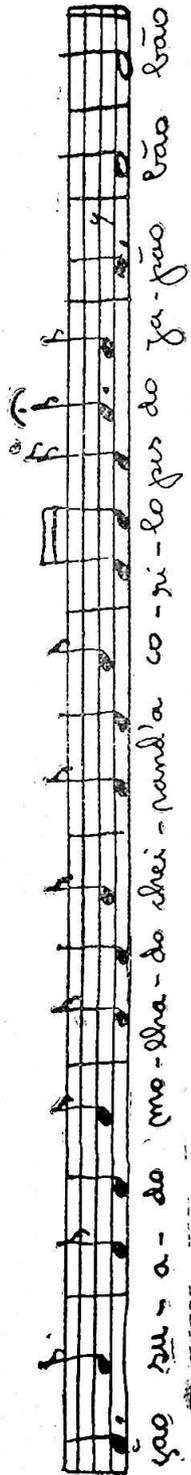
bo - la - shao Bor or - dem do ve' ca - bo - re' granhao ma - ca - co be -



se - ga um - tem do - biao var - re - no' gen - dim la' do ka - bo - ao Bor



ne - no' vir - gi - lha e muo - ri' fa - cao e fu - giu seu Dio' sem per - gi - ra -



cao su - a - do mo - sha - do shai - nand'a co - ri - lo' gus do ja - gao biao biao

Fugiu seu Dió
Sem respiração
Suado, molhado,
Cheirando a Corilopsis
Do Japão
Bão — Bão — Bão (A)

Esta cançoneta lembra uma era em que, na falta de outros divertimentos, o povo imitava a voz dos sinos, traduzindo em expressões nem sempre asseiadadas o significado dos toques (2). Os personagens citados na cançoneta são facilmente identificáveis: Silva Jardim, Virgílio Damasio e Deocleciano Ramos. Como vêm os versos põem em foco os fatos do Taboão (3) e interpreta de forma perversa o fato de Dr. Deocleciano Ramos ter se separado dos seus correligionários, indo em busca de socorro. Como é do conhecimento de todos o dr. Deocleciano Ramos voltou ao Taboão acompanhado pelo dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos, chefe de polícia "ad hoc", e por chefes políticos entre os quais o Cel. Santos Marques. Quanto ao Corilopsis do Japão era um perfume de L. T. Piver muito em voga e que se encontrava em forma de sabão, essência, água de toilette, pó de arroz e óleo. De Vintem Dobrão ouvi a informação, não me lembro de quem, de ser um negro ganhador, muito valente e ignorante, que possuía uma cicatriz de queimadura na testa exatamente do tamanho de um Vintem Dobrão (4). Macaco Beleza (Manuel Benício dos Passos), era um tipo de rua, cachaceiro, cabeça de motim, dono de uma eloquência que Braz do Amaral classificou de "sanguinária e veemente".

• Trepado em caixotes, gradis e parapeitos, insuflava o germen da desordem, acendendo o ódio contra os republicanos mais destaca-

(A) Esta melodia foi incorporada ao folclore bahiano como toque dos sinos do extinto convento das franciscanas concepcionistas de Nossa Senhora da Conceição e Lapa servindo de veículo a uns versinhos irreverentes, já registrados por Silva Campos no seu "A voz dos Campanários Bahianos":

As freiras da Lapa
Só m... em pé;
Não m... sentadas
Porque não qué.

dos da cidade. Melanoderma magro, ombros estreitos, lábios grossos, nariz esborrachado, maxilar inferior bem desenvolvido, descalço e maltrapilho, dormia dependurado nas grades dos jardins, o que lhe valia o apelido de Macaco Beleza. Habil em imitar o toque de clarim militar, fazendo soar "Cavalaria avançar" dispersou certa feita uma manifestação de estudantes e caixeiros na Praça de Palacio, hoje Tomé de Souza. Macaco Beleza, que passou à história pela sua atuação no dia 15 de junho de 1889, ainda daria muito que fazer aos mantenedores da ordem. De Caboré Pranchão ignoro a identidade.

Pouco a pouco os animos foram se exaltando. Pela tarde e à noite de 16 apedrejaram a Pastelaria Esmero (5) por ser ponto de reunião de vários políticos, os hotéis Paris e Bonaud por serem de francezes e as "repúblicas" de estudantes na maioria simpatizantes da mudança de governo. Os "corre-corres" se sucediam. Na Praça de Palacio as correrias tomavam maior vulto, com disparos entre vivas à república e à monarquia. Um individuo foi esfaqueado mortalmente na Visconde de Rio Branco. No Beco de Agua de Gasto depredaram residências de pessoas que nada tinham que podesse justificar o vandalismo. Em Nazaré, nas proximidades da casa de Manoel Vitorino Pereira, um grupo andou fazendo estrepolía, dando morras e vivas, até que a polícia dispersou os manifestantes. Os jornais desmentem o boato. Entretanto o cadetesargento Nilo Tancredo Ribeiro da Silva, então um rapazola de pouco mais de 15 anos, contava que neste dia subia a ladeira da Cova da Onça, vindo do Castro Neves, quando ouviu uma algazarra tremenda. Apressando os passos poudo ver uma turma de "mandingueirotos" (6) tendo à testa um sujeito apelidado João Randinha, em frente à casa n.º 173 ao Caquende, residencia do Cons Almeida Couto dando vivas aos Imperador e ao governador do Estado. Como a casa do Cons. Couto se conservasse com as janelas cerradas a turma tinha seguido para o largo de Nazaré, havendo então troca de cacetadas com uma turma chefiada por Perú Depenado. Este Perú Depenado, conhecido ladrão que morava na Cidade de Bananal (7) nas imediações da residencia do dr. Manoel Vitorino, fazia ponto nos matagais da Fonte das Pedras

e Fonte de Vovó. Perú Depenado, habil na capoeira, estragou meia duzia de adversários, mas, vendo a superioridade numérica dos asseclas de João Bandinha, preferiu correr para a Cidade de Bananal onde sabia estar em segurança. O Grupo de João Bandinha prosseguiu apedrejando várias fachadas até alcançar a residência de Manoel Vitorino, onde foi contido por um ganhador apelidado de Lulú Fartura (tinha 6 dedos em cada mão). Este Lulú Fartura, com bons modos, invocando a liberalidade do dr. Manoel Vitorino, tinha conseguido demorar o ataque, dando tempo a que a cavalaria, avisada pelo telefonio, chegasse pondo todos em debandada.

Enquanto isto Frederico Cristiano Buys, comandante do 16.º de Infantaria, reunia os seus comandados para declarar que se fosse confirmada a noticia da queda da monarquia, êle se collocaria ao lado do governo provisório. Apoiado de pronto por seus camaradas, telegrafou a Deodoro aderindo e pedindo ordens. Deocleciano Ramos, 1.º Secretário do Conselho Republicano Federal, foi intermediário de uma comunicação pondo o quartel do Forte de São Pedro à disposição dos republicanos. como abrigo, em caso de reacção por parte dos legalistas.

Buys convidou Virgilio Damasio e Deocleciano Ramos para uma mesa redonda com a officialidade do seu batalhão. Debatidos os fatos resolveram intimar o comandante das armas, Hermes Ernesto da Fonseca, a definir a sua situação, proclamar a república neste mesmo dia 16, prendendo as autoridades que resistissem. Acertaram também um entendimento com os camaradas do 9.º, visto o comandante interino, cap. Argolo, acompanhar o Hermes na reacção contra a republica. Levaram a efeito, entretanto, apenas a intimação ao comandante das armas e a confabulação com os officiais do 9º. Contam que a resposta à intimação foi no sentido de que Buys se considerasse preso. Por não admitir superioridade hierárquica no comandante da armas, dado o estado de coisas, Buys não obedeceu.

A proposito de Buys a Sra. Francelina Pereira Barbedo, minha tia-avó, relatava que estando em casa de um certo Dr. Pigneiro, medico residente em Agua de Meninos, ouvira do Her-

mes, talvez neste mesmo dia 16, que o mais prudente seria a máxima reserva e, se possível, abstenção. Era preciso a todo custo evitar uma guerra civil. Considerava abortado o movimento no Rio, fracasso este devido á lealdade que muitos guardavam ao Imperador e sobretudo porque o povo não queria a republica. Temia a atuação de Cristiano Buys, homem de atitudes teimosas, que resolvera aderir ao movimento arrastando consigo a tropa contraria ainda assim não julgavam conveniente qualquer providencia aos desejos de Buys, o que poderia aumentar a confusão. Isto vem conferir com a carta publicada por Buys no suplemento do Jornal de Noticias de 18 de novembro de 1889, em que desmentia que houvesse recebido ordem de prisão, declarando ainda que da parte do mesmo general Hermes não houvera a menor coação ás ideias republicanas. Diga-se de passagem que D. Francelina ensinava italiano, francês e musica ás filhas dos officiaes da guarnição, mantendo estreitas relações de amizade com o velho Hermes, frequentador assiduo da casa do dr. Pinheiros, o que vem reforçar o seu depoimento.

A chegada de um telegrama de Benjamim Constant mandando reconhecer Manoel Vitorino como governador, provocou protestos por parte de republicanos historicos que alegavam não ser o escolhido pessoa do partido. Outros invocavam o episodio da fundação do Clube Republicano em 24 de maio de 1888 em que Vitorino ouvindo discursos em que coisas que estavam succedendo, inclusive o comportamento do partido liberal, eram asperamente criticadas, tomou a palavra e atacou a propaganda republicana por desnecessaria e inoportuna. Alguns descontentes desceram a minucias deselegantes como seja a da origem humilde do personagem em jogo. Foi aí que a senhora D. Carolina Maria, genitora de Manoel Vitorino, tendo conhecimento de que comparavam o seu filho a "cavaco" de marcenaria, indagou se ignoravam que existem flores feitas com cavacos.

Manoel Vitorino não queria ser governador. Reconhecia que esta honra cabia a Virgilio Damasio. Tambem a sua familia era contra a aceitação daquele presente de gregos. Segundo os boatos Manoel Vitorino aceitava o cargo e por consideração de amizade

ao Cons. José Luiz de Almeida Couto não queria receber o governo das mãos de S. Excia. o que faria depois, recebendo do vice-governador Dr. Virgílio Damasio, cuja nomeação constava ter sido pedida por telegrama.

Já pela noitinha corria o boato de que no Forte de São Pedro havia sido proclamada a república na Bahia. Os oficiais tinham arrancado dos quepis as insígnias imperiais e os gritos da proclamação eram ouvidos de fóra da velha fortaleza. A plebe, açulada por Macaco Beleza e outros tipos reles, se levantou, atacando bondes, depredando "repúblicas" de estudantes, desacatando pessoas de conceito e apedrejando instituições como o Lyceu de Artes e Ofícios. A ralé implantava a desordem na cidade. As chamadas "freguezias do Centro" serviram de teatro a correrias que os menos informados julgavam ser as habituais brigas entre caixeiros e estudantes. Os aproveitadores invadiam as tavernas para roubar. Desacatavam os estrangeiros julgados francêses, querendo estabelecer confusão e atirar a culpa para os republicanos. A cidade estava praticamente entregue à sanha dos malfeitores pois que as autoridades policiais haviam abandonado seus postos.

O homem para o momento foi Cristiano Buys. Antes mesmo de ser nomeado comandante das armas por telegrama, já havia tomado as medidas necessárias para sufocar qualquer motim de maiores proporções. Constituiu-se numa espécie de protetor da família bahiana. Graças à sua maneira de agir com energia, enfrentando os perigos de uma posição que nada tinha de sólida, à sua rara noção de responsabilidade, foram evitadas calamidades maiores. A Bahia deve a Buys, intrépido e eficaz, a estabilidade da vida da cidade. Distribuiu patrulhas, guarneceu os lugares julgados perigosos, prendeu os desordeiros. Demonstrou, sem ser preciso violência, que a cidade não estava despolicuada. Foi o quanto bastou para que debandassem os valentes de ocasião.

No dia 17 de novembro, às 10 horas, reuniram-se os representantes dos republicanos na residencia de Buys às Mercês. Manoel Vitorino não compareceu. Enviou, porém, uma carta em que pedia que proclamassem a república e aclamassem Virgílio Damasio governador.

O cadete-sargento Nilo Tancredo Ribeiro da Silva contava que o comandante do 16 tinha proclamado a república, logo após receber adesão do General Hermes, por intermédio do capitão Tranquilino Borburema. Este cadete Nilo, já por duas vezes citado neste trabalho, é o mesmo rapazola que, na passagem de Silva Jardim pela Bahia, arrebatou das mãos de desordeiros a bandeira republicana, fugindo depois pelos fundos de uma casa que lhe deu asilo, sem que conseguissem agarrá-lo, fato este narrado em jornais da época. Também velho republicano histórico, que infelizmente não assinou o nome, em extenso artigo publicado no Jornal de Notícias em 1909, repete que a república foi proclamada na Bahia por Frederico Cristiano Buys que logo após aclamou Virgílio Damasio governador. Contudo os jornais que circularam no período da proclamação dão o tenente Salvador Pires como proclamador da república, logo após ter apresentado a adesão de Hermes. Braz do Amaral, que viveu os dias agitados da proclamação, aponta Virgílio Damasio como proclamador (8). Antonio Vianna deixou registrado em crônica (9) o que ouviu de Virgílio Damasio: "Formada a tropa frente ao quartel, o Cel. Buys, comandante do 16 de Infantaria, me convidou a subir nos barrancos do terreno fronteiro e dali declarei proclamada a república". Braz do Amaral colocou Virgílio Damasio sobre um banco. Questão apenas de detalhe.

Para não ficar citando autores, testemunhas de vista e de oitiva, que pouco iriam adiantar, a não ser o sentido de polemica que quasi sempre provoca, prefiro ficar com o povo que desabafou, através um poeta anônimo, nestas quadrinhas, mais ou menos venenosas, pertencentes a Gabriel Tourinho (Bereco), velho colecionador de poesias políticas:

Como é para bem de todos
E felicidade geral
Entre os cristãos novos
Cá está o General. (10)

Podia o Buys alegar
Ser preciso providencia
Pois com tantos proclamantes
Acaba sem paciência

Sem querer falar demais
Direi com toda coragem:
Isto é coisa da república:
Balburdia e "nigrinhagem". (11)

Encontrei uma chula na coleção de modinhas de Filenila Andrade que talvez traga alguma luz aos interessados:

Senhores, nosso programa
É governar sem saber.
Se duvidam sem demora
Venham olhar para crer.

Se formos acertar contas
Ou a casa arrumar
Com certeza nunca mais
Podemos descansar.

Abram-se todas as portas
Do Palácio da Vitória
Para entrar o Vitorino
Rindo de toda tramoia.

Ei-lo lá satisfeito
Mas fecha a cara ligeiro:
É o Virgílio Conselheiro
Gato Mestre matreiro.

E o Zé Povinho estremece
Enquanto os grandes discutem
E salta, corre, gritando
"Os tolos depois que lutem".

Ei-los envergando garbosos
As vestes republicanas.
Enquanto o Buys na escorraça
Ficou comendo bananas.

Galopins infames e vis!
Diz êle entre pedaços
Eu proclamei a república
Numa terra de madraços.

Quem fez a república
Afimal fui eu ou não?
Não fui da última hora
Agarrado a barandão. (12)

Agora já não sou nada
Estafermo ou no...

Dáí por deante, roida de traças, está ilegível. A velha Astéria não se recorda de ter ouvido cantar esta chula. Nada poudede me esclarecer portanto. Naturalmente deve ser parodia de alguma outra em voga, visto que alguns dos seus versos têm semelhança com anuncios rimados da "Loja Primeiro de Setembro" e que podem ser lidos no Diário da Bahia de 2 de março de 1889:

Abram-se todas as portas
Do templo da gargalhada
Onde se ostenta o Deus Momo
Co'a cabeleira empoadá.

Ei-lo que vem satisfeito
Numa explosão de alegria
Lançando ao povo pasmado
O pontapé da ironia.

E o Zé Povinho, o patusco,
Cheio de gosto estremece.
E salta e corre gritando:
Então você me conhece?

Ei-lo envergando garboso
As vestimentas vermelhas
As fina verve entornando
Das delicias das corbelhas.

E vendo que o belo sexo
Adora as festas do riso
A Primeiro de Setembro
Se mudou num paraíso.

Feita a proclamação a tropa rompeu em marcha, ladeada e seguida pelo povo, em brilhante passeata até a Praça do Palácio. Lá Buys falou novamente ao povo e Virgílio Damasio seguiu com suas ordenanças para a sua residência à Calçada do Bomfim. No outro dia Virgílio Damasio se empossou como governador, servindo de secretário Deocleciano Ramos. Manoel Vitorino compareceu à posse e, entre os vivas que deu, cabe registado um que espelha a sua correção: "Viva o ilustrado democrata dr. Virgílio Damasio, aquele a quem em primeiro lugar, de direito, cabia a investidura de representante do governo neste Estado. (Do Suplemento extraordinário e Boletim do Jornal de Noticias de 18 de novembro de 1889).

A classe media seguiu com relativa indiferença a transformação de tudo. Muita gente só tomou conhecimento da república quando o Forte do Mar salvou com 21 tiros o novo regimem. Quasi todos choraram com pena do Imperador, tão bom e tão mal recompensado. Quando a bandeira branca foi içada no Forte do Mar houve quem desse uns magros vivas a republica. Depois a cidade bem patrulhada, tornando ociosa a necessidade de andar de revolver ou de estoque, voltou a ser o que era antes. Mas no dizer de todos, republicanos e monarquistas com Buys no governo o povo podia dormir com as arcas abertas. Buys era "mais homem que muitos governos da monarchia".

Nesse mesmo dia 18 foi hasteada no palacio do governo a bandeira vermelha e branca, em tiras alternadas com azul, tendo no canto superior interno um triangulo branco no centro de

um quadrângulo azul. Era a bandeira que por sugestão de Deodéciano Ramos tinha sido aprovada pelo Congresso Federal Republicano da Bahia em 26 de maio de 1889.

Empossado o governador, as tropas e o povo seguiram em passeata. Ao chegar o préstito ao largo do Forte de São Pedro, o dr. Guilherme Rebelo pediu ao povo para que dali por diante se chamasse aquele largo de Praça da Aclamação, o que foi entusiasticamente aceito. Quando alcançaram a Praça Conde D'EU falou o dr. Tilemont Fontes que lembrou fosse riscado este nome e mudado para Praça 15 de Novembro. Houve então um princípio de arruaça por causa de Macaco Beleza, realista por convicção, que, subindo num caixote de cebolas, se propoz realizar um dos seus costumeiros meetings. Preso incontinenti foi levado para o xadrez, onde já descansava uma centena de malandros ardorosamente monarquistas. (13)

Relembra a velha Asteria que em sua casa, logo após a notícia da proclamação da república, houve muito choro e confusão. Seu pai que possuía uma tulha (14) na Ladeira da Ordem Terceira de São Francisco achou de bom conselho cerrar as portas até ver no que paravam as modas. Segundo os "me disseram" daquele dia em diante estava proibido vender diretamente ao povo. O governo ia tomar tudo. Até os "tabareus" (15) deixariam de aparecer uns tempos temerosos do que pudesse suceder. O pai da d. Asteria chegou a pensar em mudar de terra pois a república "era uma coisa tão ruim que qualquer pessoa, mesmo sem ser *vosmincê*, podia sentar no trono de D. Pedro..." Para êle aquilo era o princípio do fim do Brasil. Por minha parte ouvi muitas vezes em casa minhas tias-avós comentarem os velhos tempos e sorrirem da ignorância dos que pensavam que com a república não havia mais necessidade de se trancar a porta da rua. O certo é que muito pouca gente tinha ideia do que pudesse ser a república.

Informa ainda a velha d. Asteria que o desgosto da classe média foi tamanha que naquele ano, a pedido das famílias, não houve a festa da Conceição. Entretanto encontrei uma nota nos jornais, em dias anteriores aos da república, em que a Irmandade avisava que devido a obras de reforma do templo, naquele ano as comemorações seriam simplificadas.

Pelo Bomfim, como não podia deixar de ser, surgiu uma cantiga que não conseguiu popularidade por falta de ambiente:

O Forte do Mar já deu tebé
Quebraram a aza do Caboré
O tal do francês xodó d'Isabé
Pergunta s'inda é ou sinda não é
Se vai beber chá ou se vai beber café. (B)

Quem seria este Caboré? Politico ou desordeiro? Sua presença é marcante em duas canções vindas do povo. Até o momento entretanto não consegui uma pista que me autorize a mencionar o dono do epíteto.

Neste ponto evoco a figura de Sinhá Donana Parteira, velha abelha mestra, pertencente a 5.a espécie do genero humano que segundo ela propria estava dividido em: mulher, padre, soldado, homem e mulher de capona. Esta Sinha Donana a primeira vez que viu uma maquina de costura ficou desapontada. Pensava ingenuamente fosse algo que se pudesse deixar trabalhando sozinha. Quando constatou ser preciso rodar a manivela e guiar a costura comentou: — Para usar as duas mãos e empatar tempo agulha e dedal dão menos trabalho”.

Ignorante como a grande maioria das mulheres do seu tempo, ouvia falar na republica como alguma coisa fabulosa. Ouvia e “açucarava” (16) para poder passar adiante em momento oportuno. Assim logo nos primeiro dias da republica, na confusão dos “tira e bota nas posições”, Sinhá Donana apareceu em casa de minha bisavó D. Maria Rosa Garcia Pires Pereira Barbedo.

— Quais as novidades, Sinhá Donana?

— Por enquanto nada de novo. Tudo no mesmo. Carne

(B) Versão respeitando a prosodia de D. Asteria Carvalho:

O For' do má já deu tebé
Quebrar'o a aza do caboré
O tal francês xodó d'Isabé
Pergunta s'inda é ou s'inda não é
Se vai bebê chá ou si vai bebê café.

for? do má ja de - eu te - be - é
 Soue-
 bra - no a - oye do sa - bo - ré - é
 tal fran-

cês xo - dó d'is - sa - be - é. Ben - quita sim - da é ou sim - da mão
 é de var be - bé - é sha - á ou de - é vai be - é - é ca - pé

a 480 e chita a 240. A viagem de D. Pedro já não é novidade para ninguém. . . Com esta republica queira Deus que não fique todo o mundo republicado. Com D. Pedro a gente já sabia com que linhas se cosia. Esta historia de republica é tal qual a da maquina de costura. Olhada assim parece que vale a pena. Mas não vale nada. De qualquer forma é preciso usar as duas mãos: uma na manivela e outra na costura. E o diabo é que não tem quem saiba rodar a manivela.

Por enquanto é apenas isto o que tenho a dizer.

N O T A S

I — As mulheres de capona, tambem conhecidas por "caponas" e "baratas", eram mulheres mitradas, sabedoras da vida de todos os habitantes da cidade, temidas por suas artes e sabedorias. Em geral profundamente puritanas se ocupavam em rezar, carpir, mestrar e partejar. Podiam sair mesmo tarde da noite sem companhia pois eram respeitadas até pelos ladrões e assassinos. Os estudantes e os meninos de rua gostavam de persegui-las, de longe, gritando uma quadrinha que tem resistido ao passar do tempo:

Comi bife,
Arrotei batata
Mulher de capona
Virou barata.

E' dispensavel dizer da reacção provocada.

As mulheres de capona trajavam saia preta bem ampla, barta rendada de mangas compridas. A' cabeça um grande lenço branco com bico rendado na orla, sendo que as pontas eram cuidadosamente amarradas sob o queixo. Calçavam botinas de soldado, as chamadas botinas "reunos". Com um guarda sol de homem pendurado ao braço e quasi ocultas pela larga capona preta provida de romeira, as "caponas" constituiram por muito tempo um dos tipos mais pitorescos da cidade. (Nota segundo informes de d. Adelia Bemvinda de Carvalho).

2) Existe a proposito um bom trabalho de Silva Campos "A voz dos campanarios bahianos".

3) — Braz do Amaral descreve o que foi o 15 de junho em uma conferencia sobre a proclamação da republica na Bahia, lida perante o Instituto Geografico e Historico da Bahia, na sessão magna de 3 de maio de 1904. (Faz parte do volume "Discursos e conferencias" — Porto — 1921.

4) — O Vintem Dobrão era um moeda de cobre do valor de 20 reis. Devido a sua espessura era tambem conhecida por Vintem Fino. (Nota segundo informe de José Marques da Hora).

5) — A "Esmero" famosa por suas empadas e pela freguezia que possuia inspirou a um poeta popular a seguinte decima:

A "Esmero" esmerando-se
Em empadas de toda a gama,
Empadinhas de camarão
Que fazem a sua fama,
Tem ares de Conselho
Com gente que grita e brama
Enquanto come ou engole;
Que fala assim pela rama
Em coisas cabeludas
Negocios de Cezar Zama.

("O Falador" 20.7.1889)

6) — Os "mandingueiros" eram individuos capoeiristas, desordeiros e quasi sempre desocupados. Alguns traziam uma navalha escondida na gaforinha. Gostavam de entrar nas desordens por mera vadiação. Hoje o termo ainda é empregado como sinonimo de capadocio.

7) — No Largo de Nazaré, nas cercanias da Casa Vermelha, havia um extenso bananal que se estendia ribanceira abaixo. Cabelos miseraveis, entrincheirados pelas sombras dos bananais, serviam de esconderijo a ladrões, assassinos, prostitutas e gente sem profissão definida. Apenas os moradores se atreviam a descer

alem das primeiras filas de bananeiras da Cidade de Bananal. Os intrusos eram espancados, seviciados e muitas vezes mortos. (Nota segundo informe de D. Asteria Carvalho.)

8) — V. Braz do Amaral em "Discursos e Conferencias"

9) — Cronicas da Bahia (Publicação n.º 25 do Centro de Estudos Bahianos).

10) — General Hermes Ernesto da Fonseca.

11) — Reflexo do preconceito contra os negros, o termo significa procedimento baixo, incorreto, ação pouco recomendavel, ato proprio de "nigrinha" (corrutela de negrinha).

12) — Nome dado a uma pedra ou qualquer material que possa ser amarrado a um cordão ou linha mais ou menos longa e cujo movimento de impulsão é idêntico ao do turíbulo usado nas igrejas. Serve para captar fios de linha, rabos de arraia e outros objetos semelhantes que estejam fora do alcance das mãos.

13) — Macaco Beleza conservou-se fiel a Monarquia até morrer. Nunca perdeu ocasião para desfazer da Republica, intrometendo-se nos meetings e promovendo arruaças.

14) — As tulhas eram um mixto de quitanda e venda.

15) — O termo está empregado para designar os negociantes que compareciam ás feiras semanalmente e que em geral provinham do Reconcavo.





TIPOGRAFIA MANÚ EDITORA LTDA.
Rua Senador Costa Pinto 31
BAHIA — BRASIL